

# Texto escrito para o debate concomitante ao lançamento do número 34 da Revista Puc Viva

7 de outubro de 2009

**Franklin Goldgrub**

Em primeiro lugar, quero assinalar que apesar da divulgação do evento afirmar que cada participante da mesa representa uma posição diante do conflito do Oriente Médio, na verdade, os outros seis participantes, e também o moderador, têm em comum o discurso anti-sionista. Claro que esse discurso tem nuances, mas aquilo que o une é muito mais significativo do que essa ou aquela peculiaridade.

Assinalei à comissão organizadora a disparidade total de tempo concedido às duas posições que efetivamente estão representadas no debate, sem obter resposta. Também não obtive resposta em relação à ordem das apresentações e do direito à réplica e tréplica. Enfim, estão programadas aproximadamente duas horas de fala anti-sionista e 20 minutos de crítica ao discurso anti-sionista. Isso, se o tempo for respeitado. Na revista, o espaço foi distribuído da mesma forma, e, ainda assim, excedido por alguns artigos.

Parece que a comissão organizadora do número 34 da PucViva tem uma estranha concepção acerca da equanimidade.

A comissão organizadora reproduziu, talvez involuntariamente, o próprio desequilíbrio quantitativo das forças envolvidas no conflito em questão.

-----

Visto o pouquíssimo tempo disponível, vou centrar minha fala em duas questões.

A primeira se refere à pergunta: a existência de Israel é prejudicial ao povo árabe da região?

A segunda se refere à pergunta: a partir de que momento e por que razão a esquerda adotou o discurso anti-sionista?

-----

Para respondê-las, examinarei 3 características do discurso anti-sionista. São elas a omissão, a inversão dos fatos e o uso do critério “dois pesos, duas

medidas”. Segundo esse critério, os motivos alegados para criticar a Israel não se aplicam a qualquer outro país e muito menos às ditaduras que oprimem a população árabe (e/ou muçulmana) do Oriente Médio.

Geralmente, a omissão, a inversão dos fatos e o critério ambivalente se apresentam em conjunto. Também em virtude da escassez de tempo, darei apenas quatro exemplos dos muitos possíveis, começando pelo mais recente:

Em relação à guerra entre Israel e Hamas na faixa de Gaza, o discurso anti-sionista omite que durante oito anos as cidades do sul de Israel foram bombardeadas por milícias terroristas. (Terroristas porque visavam causar baixas civis). Isso aconteceu desde 2001, quando Gaza ainda era governada pelo Fatah, e se acentuou depois do golpe do Hamas e da retirada dos 8 mil judeus que habitavam a região, em 2005. A guerra foi descrita pelo discurso anti-sionista como massacre de civis palestinos por Israel. Nessa argumentação percebe-se a omissão, a inversão dos fatos e o critério dois pesos duas medidas: o Hamas tem o direito de atacar civis israelenses, mas Israel não tem o direito de defendê-los, porque, se os combatentes do Hamas usam civis como escudo, a regra de que civis devem ser poupados obriga Israel a renunciar à auto-defesa. Mas a regra em questão estipula que os únicos civis a serem poupados são os palestinos; os israelenses não. Dois pesos, duas medidas.

A hipocrisia desse argumento é evidente. Ele é acompanhado pela suposta denúncia de que houve muito menos mortes do lado israelense. A explicação é simples. Israel contrói abrigos para sua população, inclusive em escolas e hospitais, enquanto o Hamas usa os civis palestinos como escudo, para transformar em propaganda anti-israelense as eventuais mortes.

Em relação ao período prévio à partilha, ou seja, antes de 48, parte da população palestina, aquilo que no contexto europeu do século XIX Marx chamaria de lumpen-proletariado, similarmente incitada pela oligarquia árabe e pelo clero associado a ela, atacou povoados e comunidades urbanas judaicas. A história documentou várias chacinas. As mais conhecidas são as de 21, em Iafa, 29 e 30, em Jerusalém e Hebron. O discurso anti-sionista omite os massacres de judeus e inverte os fatos, atribuindo aos judeus o massacre de árabes, além de usar o critério da ambivalência: os judeus podem ser atacados mas não podem se defender. A razão da hostilidade da oligarquia árabe e do clero muçulmanos aos judeus foi o temor às mudanças que a modernização promoveria na sociedade que governavam (e governam) autocraticamente.

A população árabe na região onde hoje se situa Israel, na década de 1880, quando começou a emigração judaica, era de aproximadamente 300 mil pessoas, de acordo com cifras constantes dos registros do Império Otomano. Em 1914 passou a 500 mil pessoas e em 1920 a 600 mil. O censo de 1931 registrou 840 mil. E em 1948, data da partilha, viviam na região 1

milhão e 200 mil árabes. Em consequência da guerra provocada em 1948 pelo ataque de 5 países vizinhos a Israel, 600 mil árabes residentes no recém criado estado fugiram. Em parte espontaneamente, em parte foram convencidos a fugir pelas tropas invasoras, que queriam ter o terreno livre para atacar e, em escala bem menor, foram deslocados pelos judeus, para fins de defesa. De 1948 até 2009, a população árabe que permaneceu em Israel passou de 600 mil a um milhão e 400 mil, constituindo atualmente 20% dos habitantes do país.

(Sobre as razões do êxodo de 600 mil árabes palestinos, cito uma declaração do atual presidente da autoridade palestina, Mahmoud Abbas (Abu Mazen): “Os exércitos árabes estrangeiros entraram na Palestina para proteger os palestinos da tirania sionista, mas, ao invés disso, eles os abandonaram, obrigando-os a emigrar e a abandonar sua pátria, e os encarceraram em prisões semelhantes aos que os judeus vivem”. (Declaração feita em março de 1976 numa entrevista concedida ao Falastin a-Thaura, jornal oficial da OLP – Organização de Libertação da Palestina, publicado em Beirute).

Fecho o parênteses e retomo a argumentação anterior.

O aumento exponencial da população árabe se deu em concomitância com a emigração judaica e não por mera coincidência. Ou seja, longe de deslocar a população árabe da então Palestina, a chegada dos judeus, pelo contrário, favoreceu a sua rápida e notável expansão. Em nenhuma outra colônia ou protetorado inglês aconteceu uma explosão demográfica semelhante. Sabe-se perfeitamente que regiões que passam por desenvolvimento econômico acelerado atraem populações próximas em situação de estagnação. E, de fato, além da diminuição da mortalidade infantil e do aumento da expectativa de vida, decorrentes da infra-estrutura criada pelos judeus, houve emigração, não registrada pelos ingleses, das regiões vizinhas. Com relação aos judeus, pelo contrário, os ingleses restringiram a emigração através de quotas.

O discurso anti-sionista afirma que Israel pratica a limpeza étnica contra seus cidadãos árabes. Ora, se a expressão limpeza étnica é aplicada a uma população que em 60 anos cresce de 300 mil para 1 milhão e 200, e que em outros 60 anos cresce de 600 mil para 1 milhão e 400, que nome deve ser dado a um processo em que, no tempo de dez anos, uma população de 750 mil pessoas é reduzida a menos de 10 mil, ou seja, em 98%? Foi o que aconteceu na década de 50 com as comunidades judaicas do Marrocos, Tunísia, Egito, Líbia, Síria, Iraque, Líbano, Omã, Aden e Iêmen, destruídas, e cujos membros tiveram seus bens confiscados. A maioria desses 750 mil judeus erradicados dos países árabes mais aqueles que fugiram do Irã se radicaram em Israel.

Eles são os verdadeiros refugiados do conflito do Oriente Médio, porque foram expelidos e destituídos, sem outra razão que a da punição coletiva, porque jamais representaram qualquer perigo para seus países de origem. Aliás, o

número de 6 milhões de refugiados árabes (que em um dos artigos chegou a 8 milhões; se houverem novos números do PucViva sobre o mesmo tema é de se temer que ultrapassem os 10 milhões) inclui os descendentes dos 600 mil que deixaram Israel em 48. Esse critério é aplicado unicamente aos refugiados palestinos, que têm uma agência especial da ONU para ajudá-los, inclusive financeiramente, cuja sigla é UNWRA. Em todos os outros casos, o termo 'refugiados' se aplica apenas às pessoas deslocadas, e não a seus descendentes.

Se de fato os judeus decidiram transferir os árabes palestinos para fora de Israel, como afirmam alguns artigos publicados no número 34, os sionistas fracassaram de maneira extraordinária. Em vez de reduzir o respectivo número, a política judaica de expulsão fez com que a população árabe aumentasse muito mais rapidamente do que a judaica. Trata-se de um caso de limpeza étnica verdadeiramente único na história da humanidade. Talvez Ben Gurion e Jabotinsky sejam na verdade o alter-ego do "shlimazel" (azarado) que Woody Allen costuma representar em seus filmes.

Israel é usualmente acusado pelo discurso anti-sionista de depender da ajuda norte-americana. De fato, os EUA concedem 3 bilhões de dólares anuais a Israel, em ajuda exclusivamente militar, porque a economia israelense não é deficitária. O problema desse argumento é que ele omite que o Egito recebe praticamente a mesma quantia. Dois pesos, duas medidas. Se além do Egito levarmos em conta o Paquistão, a Índia, a Autoridade Palestina, a Jordânia, o Líbano, o Iraque, a Arábia Saudita, o Kuwait, os outros emiratos e o Afeganistão, sem contar países de outras regiões, a parcela concedida a Israel passa a representar uma porcentagem muito pequena. Curiosamente, o discurso anti-sionista só menciona a ajuda a Israel. Dois pesos e duas medidas. E só se menciona a ajuda norte-americana. Dois pesos e duas medidas. A União Soviética sustentou a economia cubana durante aproximadamente 30 anos, até seu colapso em 1991. Da década de 90 em diante, a crise econômica em Cuba assumiu proporções assustadoras, visto que não pôde contar mais com a compra de açúcar a preços subsidiados. A economia do Egito gira em torno do Canal de Suez, financiado e construído por um consórcio franco-britânico, e a represa de Assuã, construída pela URSS. Em 2008 a União Européia, os Estados Unidos, Japão e Nova Zelândia, forneceram 3 bilhões de dólares à Autoridade Palestina, cuja população totaliza aproximadamente metade dos 7 milhões e pouco de Israel. Isso tampouco é mencionado pelo discurso anti-sionista. Usando o critério per capita, a ajuda em questão representa o dobro da concedida a Israel. 2 pesos...

Passemos à análise qualitativa. A economia israelense se baseia em grande medida na pesquisa científica. As contribuições de Israel à medicina, dessalinização, irrigação, energia solar, informática, comunicação, são notáveis. Aqueles que querem boicotar Israel economicamente, se forem coerentes, vão ter que renunciar a remédios, tratamentos médicos, computadores, celulares e automóveis elétricos, entre outros produtos. Em

termos de saúde econômica, a situação de Israel é bem favorável. Os outros países do Oriente Médio, todos governados por tiranias, atualmente até o Líbano, são totalmente dependentes de ajuda externa. A única exceção é constituída pelos produtores de petróleo, mas esses países dependem completamente da compra da matéria prima por parte das nações industrializadas.

-----

Agora é possível responder às duas perguntas feitas inicialmente:

Conforme sobejamente ilustrado pelos dados demográficos, a existência de Israel é totalmente benéfica para o povo árabe, na mesma medida em que é prejudicial às ditaduras que o oprimem. A esquerda sempre diferenciou os interesses da oligarquia dos interesses da classe trabalhadora. Essa distinção constitui a própria razão de ser do marxismo. Se a esquerda ignora esse fundamento quando analisa o conflito do Oriente Médio, não é por inadvertência, distração ou falta de inteligência.

O discurso anti-sionista da esquerda é caudatário da tomada da posição da então URSS a favor das ditaduras militares instaladas no poder na Síria e no Egito, verdadeiro marco da sua política externa. A derrota na guerra dos 6 Dias, em 1967, exacerbou enormemente o anti-sionismo já presente na URSS. Na guerra dos 6 Dias, conselheiros militares soviéticos estavam no comando de setores importantes dos exércitos sírio e egípcio e foi da União Soviética a avaliação que conduziu Nasser e Assad à guerra, arrastando a Jordânia. O Kremlin interpretou o resultado da guerra como uma derrota própria.

A direita alemã, após a capitulação do seu exército, na primeira guerra mundial, fugiu à responsabilidade usando os judeus como bode expiatório, atribuindo-lhes a culpa pelo fracasso militar e respectivas conseqüências. A finalidade era manter o poder diante da ameaça representada pelo comunismo (movimento espartaquista), exacerbada pela revolução de 1917 na Rússia. Nesse processo, a direita alemã tornou-se completamente militarista, e do militarismo passou ao expansionismo, exigindo o *lebensraum* (espaço vital) para a raça ariana.

A esquerda por sua vez, interpretou o colapso da União Soviética, em 91, como uma derrota do socialismo na guerra fria contra o capitalismo. Similarmente à direita alemã do início do século XX, essa esquerda está usando Israel como bode expiatório para manter-se viva no cenário político, numa época particularmente difícil para ela, em que a ineficácia política e econômica, bem como a débâcle ética dos regimes auto-denominados socialistas, ficaram mais do que patentes.

A pseudo-esquerda, posição infelizmente majoritária na esquerda atual, usa Israel para afivelar uma máscara ética, fingendo-se campeã dos direitos do povo palestino quando, na verdade, ao respaldar seus opressores, entre eles o Fatah e o Hamas, se alia aos respectivos algozes.

Exatamente como fez Lula, chamando a brutal repressão policial ao protesto do povo iraniano de briga de torcidas e cumprimentando Ahmadinejad pela vitória nas eleições. A pseudo-esquerda afirma que os americanos financiaram os protestos contra os aiatolás. Similarmente, durante a ditadura brasileira, a direita afirmava que os protestos contra o regime militar eram financiados pelo ouro de Moscou.

### **Franklin Goldgrub**

Professor do curso de Psicologia da PUC / SP.

Autor de “O anti-sionismo – de esquerda, direita, liberal e islâmico” (Samizdat, 2008), entre outros livros. Alguns exemplares encontram-se na biblioteca da PUC, campus Monte Alegre.

[www.franklingoldgrub.com](http://www.franklingoldgrub.com)